

PALAVRA DE PROFESSOR

A crise do ensino

João Timotheo Esmerio Machado *

O ensino vive uma nova crise. A escola sempre foi uma instituição inquestionável. O modelo entrou em colapso com o aparecimento da juventude informatizada, conectada à internet e autodidata. Os jovens atuais não estão “nem aí” para o saber oferecido na escola. Eles querem apenas viver a cultura deles, e os locais onde ocorrem essas vivências são os espaços escolares, onde organizam e inventam as novas culturas. O cotidiano maçante da escola é o preço pago para viver essa forma de socialização própria da juventude. Nossos jovens acharam nas escolas seus espaços de convivência.

A escola não tem de abandonar o ensino formal, mas se permitir a ouvir os novos clamores sociais. Não é abrir mão dos compromissos inquestionáveis de promover o ensino tradicional e os conhecimentos das gerações passadas, mas também criar espaços para as novas culturas juvenis. Por isso, o papel do professor tornou-se muito mais complexo do que no passado recente.

Hoje em dia na escola existem ricos e pobres, indivíduos que acham que a escola tem sentido e outros que ela não tem sentido algum. No caso do Brasil, ainda temos alunos que estão lá por que não têm para onde ir enquanto os pais trabalham, outros que frequentam os bancos escolares para fazer as refeições, para não perder benefícios sociais, para encontrar os amigos, conversar, namorar e viver a juventude. Os alunos sempre manifestam a necessidade de, antes de se ocuparem com os deveres escolares, vivenciarem os processos de humanização no ambiente escolar, negligenciados por suas famílias e pelo próprio Estado.

Essa situação provoca um grande desconforto e transforma as aulas num festival de bocejos, e as salas de aula num espaço maçante e enfadonho. Isso gera nos adolescentes os comportamentos agressivos, rebeldes e um enorme desinteresse, até por que eles não reconhecem na escolarização uma garantia de ascensão social. Muitos jovens querem o certificado de conclusão, apenas por justificativa social.

Os alunos têm de se conscientizar da necessidade de aprender a escrever, ler, contar, falar, digitar, navegar, enfim, se instrumentalizar para que possam viver o mundo social informatizado e contemporâneo. E esse é o caminho para se formar indivíduos críticos, informados, que expressem suas opiniões, seus sentimentos, suas discordâncias, capazes de ouvir, refletir e viver em paz com seus parceiros.

*Professor de História e Ciências Humanas – Senac Lajeado



VERISSIMO

O som da época

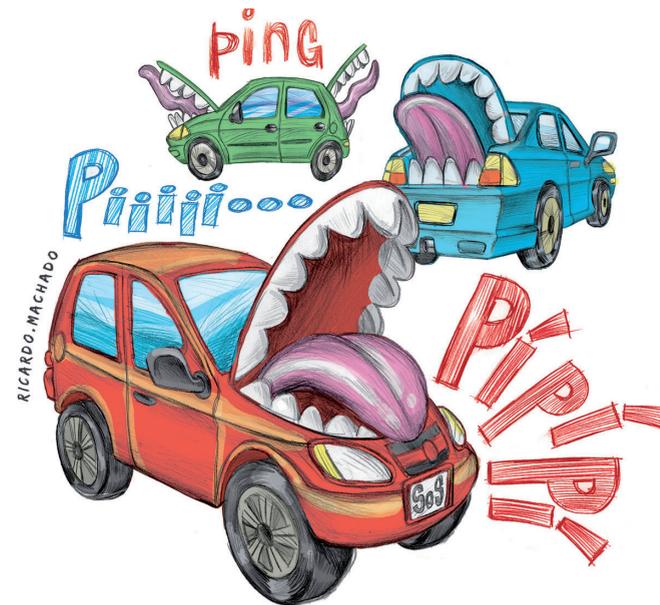
Desconfio que ainda nos lembraremos destes anos como a época em que vivemos com o acompanhamento dos alarmes de carro. Os alarmes de carro são a trilha sonora do nosso tempo: o som da paranoia justificada.

O alarme é o grito da nossa propriedade de que alguém está querendo tirá-la de nós. É o som mais desesperado que um ser humano pode produzir — a palavra “Socorro!” — mecanizado, padronizado e a todo volume. É “socorro!” acrescentado ao vocabulário das coisas, como a buzina, a campainha, a música de elevador, o “ping” que avisa que o assado está pronto e todos os “pings” do computador.

Também é um som típico porque tenta compensar a carência mais típica da época, a de segurança. Os carros pedem socorro porque a sua defesa natural — polícia por perto, boas fechaduras ou respeito de todo o mundo pelo que é dos outros — não funciona mais. Só lhes resta gritar.

Também é o som da época porque é o som da intimidação. Sua função principal é espantar, e substituir todas as outras formas de dissuasão pelo simples terror do barulho. O som da época em que os decibéis substituíram a razão. Como os ouvidos são, de todos os canais dos sentidos, os mais difíceis de proteger, foram os escolhidos pela insensibilidade moderna para atacar nosso cérebro e apressar nossa imbecilização. Pois são tempos literalmente do barulho.

O alarme contra roubo de carro também é próprio da época porque frequentemente não funciona. Ou funciona quando não deve. Ouvem-se tantos alarmes a qualquer hora do dia ou da noite porque, talvez influenciados pela paranoia generalizada, eles disparam sozinhos. Basta alguém se aproximar do carro com uma cara suspeita e eles começam a berrar. Decididamente, o som do nosso tempo.



falaverissimo@gmail.com

Os artigos para a seção Palavra de Professor devem ser enviados até o dia 15 de cada mês com no máximo 1.800 caracteres para o e-mail palavradeprofessor@sinpro.org.br

Escritório de Advocacia

Antônio Vicente Martins Advogados Associados

Avenida Borges de Medeiros, 2105 sala 910 | Praia de Belas | Porto Alegre | RS | Telefone 51 3061.4880
*conveniada Sinpro/RS

AVM

ANTÔNIO VICENTE MARTINS
ADVOGADOS ASSOCIADOSwww.avmadvogados.com.br